

O caso William Beckford

Ostracismo e errância de um jovem fidalgo inglês nos finais do séc. XVIII

Maria de Lourdes Lima dos Santos¹

Resumo:

No presente texto analisa-se um processo de ostracismo, num determinado tempo e espaço social, procurando identificá-lo através dos motivos que estão na sua origem, das formas por que se manifesta e da evolução por que vai passando. Nesta abordagem privilegia-se a caracterização das estratégias do ostracizado com vista a tentar contrariar o dito processo, muito particularmente no que respeita à rede de relações de convivialidade que vai tecendo e ao leque de actividades que a elas associa. O documento base da análise é um minucioso registo que o ostracizado redige diariamente, durante o período aqui contemplado.

Palavras-chave: Ostracismo; Homossexualidade; Sociedade portuguesa de Setecentos; Memória/Diário.

1. Intróito

Recentemente, reencontrei um livro comprado há vários anos na Biblioteca Nacional: *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, Introdução e Notas de Boyd Alexander, Tradução e Prefácio de João Gaspar Simões, incluído na série Portugal e os Estrangeiros, numa 3ª edição da Biblioteca, datada de 1988. Lembrando-me que o tinha achado interessante, resolvi relê-lo com mais demora e atenção, agora sem as pressões de trabalho que me tinham obrigado anteriormente a percorrê-lo demasiado depressa. Fiquei fascinada e intrigada.

O presente texto é uma reflexão a partir das muitas questões suscitadas ao longo desta (re)leitura: questões quanto às contradições e ambiguidades da visão do autor sobre a sociedade portuguesa do seu tempo; questões quanto aos possíveis objectivos e estratégias implicados na sua estadia aqui; questões quanto às suas idiossincrasias reveladas através das próprias auto-avaliações.

É sabido que Beckford tem vindo de há longa data a ser alvo da atenção de vários autores que sobre ele produziram escritos de diferente qualidade – uns fantasistas,

¹ Investigadora coordenadora jubilada do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Maria de Lourdes Lima dos Santos escreve de acordo com a antiga ortografia.

preconceituosos ou infundados, outros mais preocupados em rigorificar e aprofundar a informação existente. Entre esses escritos encontram-se abordagens de natureza histórica, biográfica e literária relativas à vida e obra de Beckford. São de outra natureza as reflexões que aqui irei apresentar. Elas correspondem à indagação que, a partir da minha releitura, fui desenvolvendo em torno do processo de ostracismo de que Beckford foi alvo, processo aparentemente inesperado quando tem em mira um jovem fidalgo bem-parecido, charmoso, cultivado e riquíssimo.

Sem ignorar, naturalmente, a informação que pude obter a partir da panóplia de escritos produzidos sobre a figura em causa, é fundamentalmente no citado *Diário* que assentam as considerações do presente texto. E é particularmente a parte relativa à estadia em Portugal aquela com que me ocupo. Aliás, embora, como o título indica, o *Diário* também contemple a estadia seguinte em Espanha, esta ocupa menos de metade das páginas da estadia em Portugal -- no primeiro caso há registos para sete meses e no segundo somente para dois, apesar de Beckford ter permanecido em Espanha ainda mais cinco meses (o *Diário* relativo a Portugal inicia-se em 25 de Maio de 1787 e termina em 28 de Novembro do mesmo ano; o *Diário* relativo a Espanha inicia-se logo a seguir, em 10 de Dezembro, e termina em 27 de Janeiro de 1788).

Os elementos a que irei recorrendo – elementos de contextualização histórica e social e de identificação do perfil da figura em causa, através das suas acções, relações e visões do mundo – têm como último desígnio procurar reconstituir o dito processo de ostracismo. Nas suas linhas gerais, essa reconstituição passa por identificar:

- A. Os fundamentos que estão na origem do processo;
- B. As expressões por que o mesmo se manifesta;
- C. As vulnerabilidades do ostracizado face à rejeição;
- D. As estratégias que o ostracizado desenvolve para contornar/vencer a rejeição;
- E. O evoluir do processo e o seu desfecho relativamente ao período de permanência do ostracizado em Portugal (Maio a Novembro de 1787), conforme é documentado pelo *Diário*.

2. Pontos de partida

A abrir o caso William Beckford, três perguntas:

- A. O que leva Beckford a vir a Lisboa?
- B. O que leva Beckford a ficar em Lisboa durante sete meses?
- C. Em que medida essa vinda e essa estadia informam o processo de ostracismo e errância que o atingiu?

Relativamente à primeira pergunta, sabe-se que Beckford embarcou em Falmouth com destino à Jamaica e que esta viagem não era da sua vontade (Alexander, 1988).

Tendo enjoado até fazer escala em Lisboa, em Março de 1787, recusou voltar a embarcar e ficou nesta cidade que não conhecia. Estava, então, com 27 anos e já fizera várias viagens (Holanda, Itália, Suíça, etc.), quer no quadro do turismo pedagógico muito em voga entre a jovem aristocracia inglesa, quer, posteriormente, como recurso de fuga/refúgio, caso da sua ida para a Suíça, uma vez desencadeada a terrível campanha de lorde Loughborough, em 1784. Ao que parece, o facto de este último ser opositor político de Beckford (nessa altura com assento no Parlamento) esteve na origem do aproveitamento que fez do conhecimento que tinha da relação de natureza homossexual entre um seu jovem familiar e Beckford, publicitando-a na imprensa. Os escândalos à volta dos comportamentos amorosos de Beckford já não eram novidade em meios muito restritos, mas esta revelação nos jornais iria torná-lo um excluído. Partiu para a Suíça em 1785, já casado à pressa, daí voltando em 1787 depois de a mulher ter morrido de parto. Regressado a Inglaterra, verificaria que o caso não fora esquecido – sem condições para permanecer no seu país, seria compelido pelos familiares a embarcar para a Jamaica, onde possuíam vastas plantações de açúcar, na expectativa de que o escândalo entretanto se dissipasse. Já sabemos que a viagem terminou em Lisboa.

Se estes dados ajudam a entender como Beckford veio parar a Lisboa, não são, contudo, suficientes para entender a sua permanência nesta cidade durante tão largos meses, permanência em que desempenhará papel fulcral a figura do marquês de Marialva.

Repare-se que o *Diário* sobre Portugal abre em Maio, tendo o seu autor desembarcado aqui em Março. O primeiro registo mostra-nos Beckford já instalado numa casa perto do Palácio das Necessidades, ocupado com distrações já tornadas habituais – o passeio de carruagem pela zona de Belém, ao longo do cais, “como de costume” – e na companhia de pessoas com que já se familiarizara – caso do velho abade Xavier que vivia com a família Marialva. De resto, logo na primeira página do *Diário*, fica a saber-se que também já se relacionara com o próprio Marialva (D. Diogo, o 5º marquês), de acordo com a descrição da forma como é recebido por D. Pedro, filho do marquês: “com muita deferência, objecto que eu era da particular predilecção de seu pai.” (registo de 25 de Maio). Como terá feito conhecimento com o marquês? É de ter presente que D. Diogo fazia parte dos Grandes da aristocracia portuguesa e desempenhava na corte importantes funções junto da rainha D. Maria I. Mas talvez se deva antes perguntar como terá feito conhecimento com o abade Xavier (tio de Pina Manique), uma vez que parece ter sido quem propiciou o contacto entre Beckford e Marialva, conforme aquele revela: “Foi ele [o abade] quem primeiro lhes [ao Marialva e à família] falou de mim, pintando-me sob as mais inflamadas cores, e pode dizer-se que foi ele quem lançou à terra as sementes de uma dedicação que tão vigorosa vai crescendo”. (registo de 8 de Junho). Segundo Boyd Alexander, terão sido as exuberantes manifestações de devoção religiosa de Beckford que conquistaram o abade e o incitaram a querer aproximá-lo do marquês. Pertencendo este à facção da nobreza beata e conservadora, a devoção (simulada ou não) de Beckford teria funcionado como um trunfo para o relacionamento com Marialva. Fosse ou não por

essa via, na verdade cedo se estreitaram as relações entre ambos. Mesmo admitindo, como presumem alguns autores, que Beckford tivesse exagerado ao descrever a dedicação e empenho de Marialva para consigo, não seria presumível que tal se verificasse propriamente no *Diário* mas antes, porventura, em textos mais tardios, preparados para publicação (*Portuguese Letters; Letters from Italy and Sketches of Spain and Portugal* e *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha* – o primeiro datado de 1834-35 e os outros dois de 1835), onde, por vezes, algumas partes do Manuscrito do *Diário* foram utilizadas depois de revistas por Beckford. Com efeito, o dito Manuscrito parece poder considerar-se como um documento de natureza confidencial, conservado como tal pelo seu autor, dado que só viria a ser conhecido depois da sua morte. Embora certas passagens do *Diário* tivessem sido escritas segundo o modelo epistolar (artifício literário então muito em moda), talvez prevendo a sua futura publicação, esta não veio a verificar-se. Acontece também que alguns dos registos do *Diário* são literariamente mais cuidados e elaborados do que outros de natureza mais imediatista e, muito provavelmente, rabiscados à pressa. Remetendo de novo para Boyd (Boyd, 1988)² julgo que podem distinguir-se três níveis de elaboração crescente no material que integra o *Diário*: 1. apontamentos rápidos tirados de um livrinho de bolso que Beckford levava habitualmente consigo e usava como auxiliar de memória; 2. registos do Manuscrito escritos mais ou menos apressadamente e, por vezes, rasurados, apagados ou com acrescentos; 3. registos do mesmo Manuscrito escritos de forma nitidamente mais cuidada e desenvolvida. Um outro maior nível de elaboração é já exterior ao *Diário* e corresponde a versões retrabalhadas de alguns daqueles registos para virem a ser publicadas, conforme acima foi referido.

Mas poderá presumir-se, como pareço estar a insinuar, que o grau de ‘veracidade’ (circunstancial e não só) diminui na razão inversa do grau de elaboração? Por si só, a hipótese é decerto simplista, se não mesmo absurda. No entanto, ganhará desde já alguma verosimilhança tendo presente que, na situação em causa, aquela maior elaboração, orientada para a publicação, implicaria a possibilidade de alcançar leitores adversos ou, pelo menos, leitores incrédulos que Beckford queria convencer e conquistar (é necessário não esquecer que a sua situação de ostracizado perduraria, embora relativamente mais atenuada, até ao fim da sua vida). Neste sentido, a pôr-se a questão da fiabilidade das descrições e considerações de Beckford, o *Diário*, na sua globalidade, poderá tender a ser menos controlado ou mais ‘verídico’ do que os escritos que publicou. Assim, parece razoável tomar como credível a demonstração do empenho de Marialva em apoiar Beckford durante a sua estadia em Lisboa, conforme o atestam insistentemente os registos ao longo do *Diário*.

Este empenho, como se verá, corresponde a um dos pólos de tensão (o de sinal positivo) despoletados pelo processo de ostracismo. Ao outro pólo, o negativo, corresponde a rejeição do embaixador de Inglaterra em Lisboa, Walpole. Na verdade,

² Observações sobre o Manuscrito, *Diário*, pp. 23 a 30.

para que o jovem fidalgo inglês pudesse ficar em Lisboa a viver de acordo com o seu estatuto, era indispensável ser apresentado à rainha pelo dito embaixador. Acontece que Walpole, quer por pressões políticas vindas de Inglaterra e de ingleses aqui residentes, quer pela sua própria hostilidade em relação ao ostracizado, manteve-se sempre inflexível, bloqueando sistematicamente todas as tentativas do marquês de Marialva para apresentar Beckford a D. Maria I³.

3. O nó da questão

Face ao não reconhecimento por parte de Walpole, não deixa de ser intrigante o empenho de Marialva e de outros destacados membros da aristocracia e do clero portugueses no sentido de contrariar aquela posição do embaixador.

Não estariam informados sobre o escândalo? Assim parecerá de acordo com uma observação de Beckford relativamente ao empenho do abade: “Desconfio que o meu zeloso amigo, mais dia, menos dia, vai ter com o embaixador e pergunta-lhe qual a razão para me tratar como tem feito, num tom que o obrigará a uma explicação. Daí há-de vir ou a paz ou sérias hostilidades.” (registo de 1 de Julho). Ou estariam informados mas não acreditavam que fosse verdade? Ou, ainda, estariam e acreditavam mas encaravam o caso com tolerância – porque seduzidos pela riqueza e pelo charme de Beckford ou porque, em Portugal, se julgavam esses casos com menos severidade do que em Inglaterra? Provavelmente, uma ou outra destas várias posições ter-se-á feito sentir entre os diferentes amigos e apoiantes do jovem inglês.

Tendo como pano de fundo este problema da não apresentação de Beckford à rainha enquanto instrumento de exclusão, poderá ser útil passar em revista o que acontecia, nos finais do séc. XVIII, relativamente a duas dimensões da vida social: 1. práticas homossexuais; 2. práticas da vida de corte.

Quanto à primeira dimensão, parece ter sido notória, na Inglaterra de Setecentos, a divulgação na imprensa periódica de numerosos casos de homossexualidade levados a tribunal (Norton, 1997⁴). Tratava-se, predominantemente, de acusados de modesta condição social, cujos processos eram alvo de detalhados relatos nos jornais, quer em termos de notícias, quer de artigos de opinião, condenando com a maior veemência os chamados crimes de sodomia, onde se incluíam tanto as práticas de homossexualidade como as de pedofilia. Era comum os autores dos artigos responsabilizarem os implicados pela desonra que lançavam sobre o nome da Inglaterra, deplorando, ao mesmo tempo, que fosse dada publicidade a tais crimes, donde resultava uma ofensa à moral dos leitores dos jornais. Neste sentido, alguns propunham, como Daniel Defoe,

³ Recusa, note-se, repetida em Espanha onde Beckford também não conseguiu que o embaixador inglês, aí em funções, o introduzisse na corte.

⁴ Listagem dessa divulgação nos jornais. Curiosamente, conforme nestes ensaios se pode ler, Beckford, quando reinstalado em Inglaterra, organizou um dossier de recortes de imprensa com notícias sobre os vários julgamentos e prisões por sodomia que tiveram lugar nessa altura da sua vida.

que os condenados fossem “sent expressly out of the world, as secretly and privately, as may consist with Justice and Law” (Norton, 2002). Nos casos em que os implicados eram de condição social favorecida, as coisas passavam-se, em regra, de forma mais discreta e reservada, procurando-se não lhes dar visibilidade. Por exemplo, no meio literário, o biógrafo do poeta Thomas Gray (1716-1771) esforçou-se por apagar as relações amorosas deste com o romancista gótico Horace Walpole e outros com que manteve uma correspondência reveladora. No meio militar, por sua vez, uma relação como a que ocorreu entre Alexander Hamilton e John Lawrens, oficiais ao serviço de Washington, lutando pela independência da América, deu também lugar a uma troca de cartas de amor, por volta de 1779, cartas que, quando conhecidas, foram alvo de tentativas de interpretação destinadas a negar a presença daquele sentimento (Norton, 1998). Sabe-se igualmente que, no meio aristocrático, alguns jovens eram mandados pelas famílias para as colónias, tal como procuraram fazer com Beckford, esperando, assim, que fossem esquecidas histórias escandalosas daquela natureza. Todavia, o caso de Beckford parece ter sido marcado por uma perseguição mais intensa e duradoura do que era habitual no seu meio, talvez porque dobrado de intrigas políticas, por um lado, e pela sua insistência, por outro, em receber o reconhecimento social a que se achava com direito.

Quanto à segunda dimensão acima referida – práticas da vida de corte – recordo que, segundo o modelo da *sociedade de corte* de Norbert Elias (Elias, 1982), a ‘posição’ nesta sociedade dependia da consideração dos outros membros da corte e, fundamentalmente, do favor do rei para com o cortesão em causa. Entre os elementos constitutivos dessa posição contavam-se a fortuna, o título e a honra. Para manter ou promover a sua posição na corte, o cortesão precisava ainda de possuir determinados saberes, nomeadamente saber observar os outros, saber manipulá-los e saber controlar os seus próprios afectos, em suma, saber ser premeditado, discreto e disfarçado. Até que ponto, na segunda metade de Setecentos e na corte da rainha de Portugal, essas características da *sociedade de corte* se verificariam? E em que medida poderiam ter concorrido para a não apresentação de Beckford à Rainha? Nos pontos seguintes, procurarei analisar aspectos das duas dimensões referidas, no contexto português em que se movia o autor do *Diário*, utilizando a informação que daí se pode retirar para a caracterização da sua rede de relações e das estratégias que desenvolve.

4. Constituição de uma rede de relações

Na rede de relações de Beckford em Lisboa encontram-se, como em qualquer outra rede, casos de maior ou menor continuidade e regularidade no relacionamento, de maior ou menor intensidade e satisfação e de mudança de qualidade ao longo do tempo. Também como em qualquer rede de relações, estas podem surgir e desenvolver-se a partir de iniciativas com diferente origem – por parte das relações já existentes; do próprio sujeito centro da rede; daquelas e deste conjugadamente – e em resposta a necessidades de diferente natureza, regidas por sentimentos de empatia e atracção, de

dependência, de dominação, de oportunismo, etc. Mas, para lá destas generalidades, importa aqui tentar detectar as específicas configurações da rede de Beckford e o seu significado no quadro do processo de ostracismo em que ficou aprisionado.

Como já vimos, entre as primeiras relações de Beckford, quando se instala em Lisboa, destaca-se a família Marialva, muito em particular o 5º marquês, o seu filho D. Pedro e o velho abade Xavier, este há tantos anos ao serviço dos Marialvas que era como se pertencesse à casa. O grão-prior da Ordem de S. Bento de Aviz, irmão natural do 4º marquês, também entra rapidamente no círculo dos mais próximos e constantes companheiros de Beckford. Aliás, muitas das relações que este vai estabelecendo com aristocratas portuguesas são de casas ligadas à casa Marialva⁵, designadamente o conde de Assumar e o marquês do Lavradio (casa Cadaval); o marquês de Angeja e o conde de Vale dos Reis (casa Angeja); os marqueses de Penalva, pai e filho (casa Penalva), etc. Não raro, é o próprio Marialva que os apresenta a Beckford, como, por exemplo, se verifica no seguinte relato do *Diário*: “O marquês trouxe consigo um pelotão de jovens aristocratas para jantar hoje comigo: seu irmão D. José, o conde de Assumar, D. Bernardo de Lorena [conde de Sarzeda], o conde de Óbidos e D. Diogo de Noronha [conde de Vila Verde]. O marquês tem estes homens todos presos por um fio e brinca com eles como se fossem fantoches. A forma como os fez esperar por mim prova bem a sua influência” (registo de 11 de Junho). Um outro exemplo é o contacto com o duque de Lafões, feito também através de Marialva que, mais tarde, o levará a visitar Beckford na casa do Ramalhão onde este, entretanto, se instalara. A família Penalva também cedo demonstrará que não hesita em recebê-lo e Beckford refere com muito agrado a sua primeira visita ao palácio de Sta. Apolónia: “Almocei em casa dos Penalva, onde tive a mais cordial e amistosa recepção (...). Havia uma franqueza e um bom humor na cortesia dos meus anfitriões que me cativaram por completo.” (registo de 6 de Junho). Poucos dias passados, os Penalva iam, por sua vez, à casa de Beckford: “Para o jantar tivemos os Penalva e o conservador João Teles e tudo correu amistosa e agradavelmente.” (registo de 17 de Junho). Estas relações no meio aristocrático vão-se intensificando e, inclusivamente, ganhando um maior grau de intimidade, designadamente junto da família Marialva, o que muito sensibiliza Beckford: “Fui cedo para o palácio Marialva, onde o marquês me recebeu com tais manifestações de afecto e confiança que creio bem nunca nenhum estrangeiro conheceu em Portugal. Apresentou-me à marquesa e a suas filhas como se eu fosse um parente. Cessaram todas as reservas, todas as cortinas foram corridas, todas as salas abertas, e as crianças brincaram e deram lição como se apenas estivessem presentes os pais. O grão-prior e o abade não sabiam como exprimir o seu contentamento ao verem-me assim no seio da sua família.” (registo de 27 de Junho). Não admira que, pouco tempo depois, escreva no *Diário*: “Se a primeira nobreza me começa a receber como íntimo das suas famílias e a distinguir-me oferecendo-me importantes divertimentos, o sapo [Walpole] rebenta e toda a feitoria vai ficar coberta de veneno.” (registo de 7 de Julho).

⁵ *Diário*, Apêndice II – Árvore genealógica e ligações dos Marialva, pp. 229 e 230.

Para além das figuras referidas, outras com elevados cargos – no clero, na magistratura, na diplomacia, etc. – vão integrando a rede de relações de Beckford. Entre os mais próximos encontram-se Bezerra, futuro embaixador e Secretário de Estado da Guerra e Negócios Estrangeiros, e o seu amigo D. José, o morgado de Mateus, também futuro embaixador a quem se iria dever a famosa edição de *Os Lusíadas* (em 1817). Também monsenhor de Aguilar, prelado da Patriarcal, cedo se torna uma presença frequente na casa de Beckford que lhe admira a abertura de espírito e comenta, referindo-se à posição crítica do mesmo face à Igreja: “Em Portugal, mesmo no ano de 1787, tal conduta é uma loucura e receio bem que ele venha a sujeitar-se um dia a qualquer severa punição.” (registo de 16 de Junho).

Embora menos assíduo, Teles de Sousa, desembargador do Paço e juiz conservador da feitoria inglesa, acompanha os Penalva quando trocam visitas com Beckford e é um entusiástico apoiante deste contra Walpole. Apoio que não deixa de surpreender Beckford: “Não sei o que ele [Teles de Sousa] espera de mim; mas, sempre que me encontra, todo ele é sorrisos e cumprimentos. Cobre Mr. Walpole com as mais azedas invectivas e declara guerra implacável contra os próprios membros da feitoria que o nomearam seu protector.” (registo de 6 de Junho).

Este comentário remete para dois dos diferentes olhares com que Beckford era encarado em Lisboa – um tem a ver com a imagem de que desfruta como capaz de interceder a favor de determinadas petições, apesar da sua situação de marginalidade relativamente à corte; outro tem a ver com a apreciação negativa que dele fazem, em geral, os membros da feitoria inglesa. Quanto ao primeiro, Beckford várias vezes dá conta, explícita ou implicitamente, de motivações de natureza oportunista por parte de alguns peticionários que dele se aproximam cumulando-o de lisonjas e bajulações. Uns esperam receber do jovem milionário os benefícios materiais que este não raro dispensava (dávivas em dinheiro, individuais ou a conventos, obras religiosas, etc.). Noutros casos, os favores esperados são sobretudo em termos de capital social e simbólico, designadamente possibilidades de acesso, através de Beckford, junto de figuras importantes, muito em especial de Marialva, mas acesso também ao ambiente de elegância e riqueza de que o inglês se rodeava. Aliás, Beckford, à sua maneira, cultivava igualmente este tipo de relacionamentos oportunistas.

É claramente ilustrativa do que venho referindo uma passagem do *Diário* que vale a pena citar apesar de longa: “D. José de Brito [cavaleiro da Ordem de Cristo] e o abade vieram jantar comigo. Começo a ter fama de pessoa de muito respeito, e estou a ser considerado como tendo uma tão activa influência junto dos Marialvas e, por conseguinte, junto de Sua Majestade, que a todo o momento sou solicitado para pedir favores. D. José conta-se no número dos peticionários. Pretende ser nomeado para o lugar de um dos três mestres-de-campo da ilha da Madeira, onde ele tem uma grande propriedade, e se lhe meteu na cabeça que uma ajuda minha podia resolver o assunto. Antes de me fazer o pedido semeou em volta de mim as mais lindas flores de devoção, pensando que isso seria para mim o que havia de mais aromático na presente disposição das minhas narinas. E é assim que eu passo por um perfeito beato e vim a receber uma epístola hipocritamente açucarada do padre Almeida [Teodoro

de Almeida, pregador oratoriano, ‘um dos luminares da literatura portuguesa’, nas palavras de Beckford, páginas atrás] solicitando-me que ofereça a duas donzelas que acabam de entrar para o seu amado Convento da Visitação roupa íntima e de cama. Vou ter muito que fazer, realmente, se me der para enroupar todas as galinhas que a velha raposa Almeida resolver levar para o seu esconderijo. Mas, como este é o seu primeiro pedido, não posso recusar-me a fazê-lo. É um perigoso velhaco, confessa metade das mulheres importantes de Lisboa, e, se eu tratasse a sua impertinente pretensão como ela merecia, poderia expor as flores da minha reputação devota a uma geada que as crestaria antes de a consciência as revigorar.” (registo de 20 de Junho).

Quanto ao segundo aspecto – apreciação negativa da feitoria inglesa acerca de Beckford – são recorrentes os comentários azedos deste relativamente às hostilidades dos seus compatriotas aqui residentes. O marquês observava perplexo a perseguição de que o seu amigo era alvo, sem conseguir entendê-la. Beckford refere frequentemente a indignação de Marialva que aí fundamentava a sua tentativa de o convencer a ficar em Portugal: “Como é que pode pensar em voltar para um país cujos habitantes o perseguem até ao extremo da Europa com tão acre malevolência? – disse ele [Marialva] – sei que não é conhecido nem de Mr. North, nem de Lorde Eduard Fitzgerald, que aqui estiveram ultimamente. Claro que nada fez para os injuriar, e, no entanto, não há rancorosa opinião que eles não tenham expedido a seu respeito. (...) fique conosco, que o estimamos, o lastimamos e o respeitamos. A Rainha, neste caso, há-de-lhe dar mostras de simpatia e toda a Corte o há-de acolher com distinção.” (registo de 2 de Julho). Sabe-se que tal não virá a verificar-se mas, por outro lado, não se fica esclarecido quanto ao teor das rancorosas opiniões expressas pelos ingleses a que Marialva aludia. Há, no entanto, ingleses que apoiam Beckford, caso de um capitão White, “um dos poucos ingleses que me não tem reduzido a pó” (referido no mesmo registo acima citado) de um general Forbes, ao serviço do exército português, e de alguns (raros) negociantes residentes em Portugal. Ainda em relação aos apoiantes ingleses, uma particular referência para o seu agente e banqueiro Horne, companhia constante ao longo da estadia de Beckford. Trata-se de alguém que parece desfrutar de uma posição destacada aqui. Vemo-lo a receber o seu conterrâneo milionário nas casas que tem em Lisboa e em Sintra; a levá-lo a conhecer o que hoje se designaria como pontos de interesse turístico da capital; a apresentar-lhe algumas famílias inglesas e a indicarlhe personalidades portuguesas que convinha visitar; em suma, a procurar facilitar a inserção de Beckford. Há também duas irmãs inglesas, as *misses* Sill, que, desde os primeiros registos do *Diário*, aparecem quase diariamente na casa de Beckford que tem especial estima pela irmã mais velha (esta casaria, em 1788, com Bezerra, outro visitante assíduo já atrás referido). Escreve a respeito dela: “Continuo muito satisfeito com miss Sill mais velha. Tem excelente coração e lúcido critério e muitíssimo mais gosto e imaginação do que é costume nas pessoas prudentes e sensatas.” (registo de 31 de Maio). Trava igualmente relações com alguns outros estrangeiros aqui residentes, caso de Gildemeester, cônsul holandês, recém-proprietário do palácio de Seteais que inaugura com uma grande festa para a qual convida Beckford (nesta altura a morar no Ramalhão). Este comparece, fazendo-se acompanhar pelo marquês. Encontra-se aí com

alguns negociantes ingleses que tinham casas em Sintra – um indicador de distinção – e com alguns membros do corpo diplomático alemão e holandês. Irá trocar visitas com os Gildemeester e frequentar os chás da sua nova aliada, Madame Gildemeester, de quem diz: “É na realidade muito superior à generalidade das mulheres do seu país e tem uma maneira franca de se exprimir, cheia de espírito e discernimento. Não pertence à classe das pessoas misericordiosas e não poupa ninguém. Tivemos uma grande conversa de má-língua e unimos forças para dizer cobras e lagartos da gente da feitoria.” (registo de 19 de Agosto).

A animosidade contra Beckford, porém, não se manifestava apenas entre os ingleses da feitoria mas fazia-se sentir igualmente entre alguns elementos da nobreza portuguesa, conforme o *Diário* não deixa de revelar – caso do duque do Cadaval que, aliás, detestava e era detestado pelo seu parente Marialva; caso também da tia deste, a condessa de S. Vicente, irmã da marquesa de Marialva, que, como Beckford escreve, estava longe de acreditar nele: “Tem uma língua venenosíssima e estou certo de que muitas ferroadas me devem ter dado já por causa da minha grande intimidade com o herdeiro dos Marialvas.” (registo de 18 de Junho). Ao que parece, nem todos, aqui, ignorariam os rumores sobre o ‘escandalo-Beckford’ e nem todos acreditariam tratar-se de meras intrigas caluniosas.

Voltando às relações de sinal positivo, e a partir da análise da respectiva rede, podemos, nesta altura, demarcar três eixos dominantes na configuração dessa mesma rede: 1. ancoragem de grande parte das relações na ligação com os Marialvas; 2. gravitação das relações em torno dos problemas causados pela posição de Walpole; 3. constituição de um núcleo duro de relações (com maior proximidade e continuidade) onde se distinguem dois grupos – um focado no prestígio da casa Marialva e constituído por marquês/abade/grão-prior/D. Pedro, outro não tão elevado socialmente mas, ao que parece, apoiando Beckford de forma mais directa na gestão dos seus assuntos correntes, constituído este por Bezerra/D. José de Mateus/Horne/misses Sill.

5. Estratégias de contra-ostracismo

Tendo presentes os três eixos acima avançados, verifica-se que é no sentido daqueles mesmos problemas ligados à sua exclusão da corte que convergem as estratégias de ocupação do tempo accionadas por Beckford (lugares que frequenta, actividades a que se dedica). Assim, para além do tempo gasto em visitas e retribuição de visitas, avulta também o tempo gasto a frequentar missas e cerimónias religiosas. E esta última é uma actividade muito ambigualmente desempenhada por Beckford. A devoção a Sto. António, muito intensa em Lisboa, é sem dúvida um recurso muito importante ou mesmo central nas estratégias do jovem inglês para tentar suscitar adesão e simpatia nos meios influentes do clero e da nobreza e assim concorrer para ultrapassar os efeitos negativos da posição de Walpole. Contudo, não resulta claro até que ponto Beckford controla as suas exhibições de devoção. Na verdade, os comentários irónicos que faz ao longo do *Diário* relativamente ao seu papel de devoto e a racionalidade com que reage às muitas superstições que observa contradizem os comportamentos de êxtase

por que se deixa arrebatado, contagiado pelo frenesim dos pregadores, atordoado pela pompa das cerimónias religiosas, esmagado pelas cenas de mortificação e penitência. Alguns registos são demonstrativos destas posições contraditórias. Por um lado, deparamos com a expressão da distância que mantém face ao papel de devoto que cultiva: “Ouço dizer que não se fala de outra coisa senão na minha devoção. Realmente, esta brincadeira começa a ter os seus inconvenientes. Estou a ser constantemente importunado com deputações de conventos, epístolas e saudações beatas em latim, inglês e português, convites para festividades religiosas e doces em papel recortado que me enviam abadessas e donzelas rogando-me que interceda para que elas sejam recebidas como esposas do Senhor em qualquer convento sob os auspícios do meu mui venerando Santo António. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele. Fui eu que me meti claramente neste aperto, e agora não tenho outro remédio senão sair dele como puder.” (registo de 14 de Junho). Na mesma linha ‘herética’, dá conta da sua reacção às credices destemperadas do marquês quando este, querendo ajudá-lo no impasse em que se encontra a questão da apresentação à rainha, lhe pede emocionado que se recomende a Sto. António e lhe rogue “que se sirva da sua poderosa intercepção para o guiar nos caminhos da vida”. A exortação que Marialva então lhe faz, leva Beckford a comentar: “Sentia-me aflito ao ver-me diante de um homem, que eu tanto prezava e estimava, assim perdido no labirinto do fanatismo, e inteiramente convencido da existência de miraculosas interposições. Se o caso da minha apresentação prometia transitar das mãos de Melo [o 1º ministro Melo e Castro] para as de Santo António, era certo e sabido que eu não tinha outra coisa a fazer senão tratar das bagagens e dizer adeus a Portugal!” (registo de 2 de Julho).

Mas, por outro lado, vemo-lo enredar-se nos seus excessos de manifestações devotas, mesmo que depois as relate com algum cinismo, como quando descreve o seu comportamento numa das missas do Convento da Boa Morte onde ia com frequência: “Eu tremia dos pés à cabeça e o mesmo acontecia ao marquês. Os meus joelhos começam a ficar calejados, tanta vez me ajoelho aqui. Verdeil [o médico particular que viajava com Beckford] é de opinião que eu hei-de acabar num eremitério ou então doido – ou talvez as duas coisas ao mesmo tempo. E também que eu tornei o marquês dez vezes mais temente a Deus que antes de me conhecer, e que nessa ordem de ideias, encorajando-nos assim um ao outro, não tarda que acabemos por produzir seja o que for em tudo digno de uma casa de doidos.” (registo de 4 de Novembro).

No quadro das suas formas de ocupação do tempo (inseparáveis da rede de relações que mantém), o desempenho do papel de devoto e o charme com que recebe na sua casa funcionam como dois instrumentos da estratégia que Beckford desenvolve com vista a contrariar o processo de exclusão que lhe é movido. Ambos podem ser consideradas como componentes de um modelo de contra-ostracismo, embora não devam, como é óbvio, ser pensados tão linearmente, uma vez que o desempenho do papel de devoto envolve, como vimos, alguma identificação não controlada, e o charme com que recebe é, por sua vez, indissociável da própria necessidade de se mover num ambiente de conforto e requinte, perseguindo, simultaneamente, o objectivo de seduzir os seus visitantes-apoiantes.

Veja-se, a respeito desta segunda componente, duas significativas passagens do *Diário* sobre a sua casa do Ramalhão depois de a ter decorado a seu gosto: “Voltei cedo para casa, assim que escureceu, e fiquei agradavelmente surpreendido ao ver a metamorfose que sofrera a minha sala-lanterna: estava transformada numa esplêndida tenda [decoreação orientalista então em moda na Europa]. Os panejamentos caindo em amplas pregas sobre os amplos sofás e os espelhos produziam um belo efeito e formavam aconchegantes recantos. Quatro tripeças de ouro brunido, sustentando lustres de reluzente cristal, meio ocultos pelos reposteiros de chintz inglesa, contribuíam largamente para a riqueza do ambiente”. Dias depois acrescentaria que era ali que gostava de estar, “estiraçado na esteira a ler Tíbulo e a escrever contos. É a primeira vez, desde que cheguei a este país, que me sinto bem.” (registos de 28 e 31 de Agosto). Esta é uma encenação de magia para si próprio – fica encantado a ver os espelhos multiplicarem a profusão de reposteiros, “imaginando ter penetrado, graças à magia de um feiticeiro, uma série de encantadoras mansões” – mas é também uma encenação de sedução para os outros – “o cenário dos meus aposentos, a música escolhida por mim, os livros e gravuras espalhados por toda a parte, levavam-lhe [a D. Pedro] a imaginação para um novo mundo de ideias Ou eu estou muito enganado, ou por muito tempo ele irá lembrar-se deste período da minha estada em Portugal” (registo de 2 de Setembro). Neste caso, a sedução visava particularmente D. Pedro, mas o gosto em captar a admiração/aprovação dos seus convivas alargava-se a outros relacionamentos que não tinham aquela natureza íntima. Os seus dotes para o canto, a dança e o piano juntavam-se ao décor e tornavam certamente muito apetecível a frequência da casa de Beckford.

O marquês lamentava-se sempre que as suas obrigações de cortesão o obrigavam a ir para junto da rainha, impedindo-o de estar com Beckford, o que não é surpreendente, uma vez que a vivacidade deste o tirava do aborrecimento em que habitualmente passava os dias. Tanto o marquês como o seu filho, de acordo com o *Diário*, “não sabem em absoluto o que hão-de fazer de si próprios. Passam a vida a bocejar e a vadiar da forma mais apática e desconsolada” (registo de 3 de Agosto). Na casa do jovem inglês, Marialva, que não costumava fazer qualquer exercício, dançava animadamente e acompanhava mesmo as brincadeiras do amigo, conforme este conta: “Andámos ao pé-coxinho, saltámos por cima de um lenço colocado alto, e divertimo-nos como autênticos meninos de escola. Franchi [cantor da Patriarcal que Beckford convidava para cantar na sua casa] deve ter pensado quão invulgar divertimento era aquele de andar a brincar familiarmente, com um marquês, estribeiro-mor, e um fidalgo rico. O prazer que ele teria de ir contar na Patriarcal as nossas proezas!” (registo de 20 de Agosto).

Em contraponto, a vida da corte, a que Beckford não conseguia aceder, exigia uma estrita etiqueta que parece conservar-se ainda muito próxima do auto-controle cortesanesco do período barroco. Marialva mostra-se frequentemente cansado do seu serviço da Corte e entediado com as obrigações do privilégio que lhe assiste de acompanhar a rainha. A este respeito, confidenciaria a Beckford: “Que tarde deliciosa eu vou passar, fechado num quarto com a Família Real, a senhora abadessa [do

convento que a rainha ia visitar] e o arcebispo confessor de Sua Majestade, todos a girar o polegar, a observar a chuva, a dizer que este tempo não é próprio da estação, e depois uma pausa, a que se segue a merenda, isto é, uma refeição ligeira: compotas e doces de fruta e frutos de conserva de todas as cores que é preciso comer e elogiar, sejam bons ou maus.” (registo de 27 de Junho). Particularmente ilustrativa quanto ao tipo de etiqueta que imperava na corte, é uma descrição que Beckford faz de uma festa na casa do marquês, em Sintra, festa em que participava a família real e que, na sua situação de marginalizado, o rico fidalgo inglês ficou a ver de uma janela... A cerimónia constava de uma sumptuosa merenda e de um fogo-de-artifício. Quando a rainha e a princesa se sentaram, precisamente debaixo da janela atrás da qual ele se encontrava, a cena é relatada nestes termos: “Fez-se um fúnebre silêncio. O conde de Sampaio e o visconde de Ponte de Lima ajoelharam diante das augustas personagens numa tão rendida devoção como a dos muçulmanos diante do túmulo do seu profeta ou a dos tártaros em presença do Dalai Lama. Só o meu amigo [Marialva], do lado oposto ao de Sua Majestade, parecia conservar o seu à-vontade e a sua jovialidade (...). O conde de Sampaio, camarista da semana, serviu o chá à Rainha, e quando lho apresentou, pôs os dois joelhos em terra.” (registo de 17 de Outubro).

A somar ao facto de a rainha ser demasiado irresoluta e os seus ministros demasiado timoratos face ao poder de Walpole, ou melhor dito, face ao poder da Inglaterra, também o clima de dependência dos cortesãos face à figura real – tão próximo ainda do modelo da etiqueta da *sociedade de corte* – concorreria para o insucesso das manobras que Marialva parece ter desenvolvido com vista a conseguir que D. Maria I recebesse Beckford. Curiosamente, cerca de seis anos depois, na sua segunda vinda a Lisboa (em 1793), é, enfim, apresentado na corte, malgrado os protestos furiosos de Walpole que aqui permaneceu como embaixador até 1800. O que terá mudado? Uma das mudanças a referir poderá ter sido o afastamento da rainha que, dada a sua crescente insanidade, é substituída por D. João VI (então ainda regente em nome da rainha). Neste sentido, será de dar crédito aos comentários do marquês relatados anos antes no *Diário*: “Entre amargos suspiros, por causa da minha próxima partida, [o marquês] garantiu-me que esta também era muito sentida pelo príncipe e princesa do Brasil, os quais abertamente tinham acusado a Rainha e os ministros da mais mísera covardia por me deixarem sair de Portugal tão descontente” (registo de 17 de Outubro). Aliás, parece que, após a sua segunda vinda, Beckford teria sido incumbido pelo regente de uma missão diplomática junto do governo inglês⁶ – um indício da boa vontade que o futuro rei de Portugal lhe dispensaria (pelo lado da Inglaterra a missão não viria a merecer qualquer atenção...).

Retomando o período abarcado pelo *Diário* de Portugal, e tendo ainda em vista a questão da etiqueta ou auto-controle do modelo da sociedade cortesanesca, é interessante encontrar em Beckford várias manifestações de inadequação a tal modelo. A este respeito revela-se muito significativo um registo que descreve a sua visita à

⁶ Introdução de Boyd Alexander em *Diário*, p. 20.

casa do ministro Melo, acompanhado pelo marquês. A conversa alongou-se por uma hora e meia, sempre em torno da obstinação de Walpole em não querer apresentar Beckford à rainha. Melo esgrime o melhor que pode a técnica da dissimulação cortês – evoca os méritos do falecido pai do inglês (homem poderoso com uma enorme fortuna ganha no negócio do açúcar e investida na navegação e na banca, o que lhe permitira casar com uma aristocrata de riqueza antiga) e reconhece que Beckford tem “todo o direito em ser apresentado em qualquer corte com a maior distinção”. Ao mesmo tempo reafirma, inabalável, a inconveniência de subverter os sistemas estabelecidos e, portanto, diz Beckford, desesperado, “reconhece a impossibilidade de me ver apresentado por qualquer outra pessoa que não seja o ministro britânico.” (registo de 1 de Julho). Com a paciência esgotada pelas cortesias e pelos fingimentos de Melo, contrapõe-lhe um discurso exaltado e despede-se de forma desabrida, deixando Marialva, conforme narra depois, “a lançar mão das habituais frases emolientes, próprias dos cortesãos, a fim de aplacar a tempestade.” Remata o relato comentando: “O que eu gosto de me meter em sarilhos! Para mim um sarilho assim é como uma bebida alcoólica. Desperta-me o espírito e espevita-me a imaginação.” (o mesmo registo de 1 de Julho). Na verdade, o auto-controle que se esforça por manter para conseguir levar por diante as suas estratégias quebra-se, não raro, deixando surpreendidos os que assistem aos seus rompantes.

Longe de se identificar com o perfeito cortesão, Beckford antes se aproxima da figura do romântico arrebatado, dificilmente resistindo aos impulsos do momento que o fazem, por vezes, abandonar precipitadamente lugares e pessoas que o enfadam. Apesar disso, entre a contenção cortesanesca e o excesso romântico, a sua duplicidade permite-lhe transitar entre uma e outro, porventura incentivado pela luta que trava contra a sua situação de excluído. É interessante verificar como o próprio Beckford reconhece essa dificuldade de poder vir a ser um bom cortesão: “Partindo do princípio de que Sua Majestade me daria a honra de me conceder uma chave dourada [chave simbólica do cargo de camarista] e um título pomposo, que mal me iria sentir escravizado pela prisão e a etiqueta de uma sala de visitas! Daria um péssimo cortesão e acabaria por cair em completa desgraça no dia em que me visse obrigado a acompanhar a Rainha numa das suas visitas a conventos ou a ficar sentado a uma mesa de jogo.” (registo de 6 de Julho).

6. Cronologia de um processo de exclusão

Uma cronologia das sucessivas iniciativas, desenvolvidas ao longo da estadia de Beckford, no sentido de possibilitar, ou não, a sua apresentação à rainha constitui, em si mesma, uma informação ilustrativa do processo de ostracismo que aqui procuro analisar. Os registos do *Diário* que aludem às referidas iniciativas são a fonte disponível que vou utilizar para traçar essa cronologia:

28 de Maio

A primeira iniciativa surge logo no quarto registo do *Diário*. Aí, Beckford dá conta de uma reunião dos marqueses de Angeja e do Lavradio (respectivamente Chanceler do Tesouro e Presidente da Mesa de Desembargo do Paço) com Seabra e Silva (ex-Secretário de Estado de Pombal), reunião em que quase só se terão ocupado com o seu caso e em que Seabra terá dito que Marialva não estava a conduzir bem a pretensão. Nesta fase, a atenção de que Beckford está a ser alvo por parte destas importantes figuras leva-o a pensar que o problema se resolverá em breve e ele deixará “de ser o principal assunto de conversa em todas as mesas de jogo, repartições e escritórios de Lisboa”.

3 de Junho

Relata, desapontado, que chegaram três pacotes a Lisboa e nenhum lhe trouxe qualquer carta, o que significa que não recebeu as esperadas credenciais. Não deixa de comentar a este propósito: “Estou seriamente inclinado a acreditar que Walpole intercepta as minhas cartas”.

19 de Junho

As manobras de Marialva a seu favor animam-no. Horne é de opinião que acabarão por vencer as dificuldades com que têm vindo a deparar-se. Com esta expectativa, Beckford escreve: “Estou morto por saber quando e como Sua Majestade me vai receber em audiência”.

23 de Junho

Recebe com desagrado a notícia (através de Horne) de que a rainha continua indecisa quanto a conceder-lhe audiência e de que “o facto de me ver desatendido pelas minhas relações em Inglaterra dá lugar a não poucas especulações. Melo e os outros ministros não sabem o que hão-de fazer pelo facto de eu me ver tão completamente abandonado.”

27 de Junho

Entretanto, Horne, ao que parece, vai aproveitando todas as oportunidades para fazer referências elogiosas a Beckford junto dos cortesãos. Marialva, por sua vez, vai porfiando nas suas tentativas. Mas, como aquele escreve, as cabalas do corpo diplomático e a tibieza de Melo dificultam a resolução do problema: “Tem sido Melo, com as suas insinuações e suspeitas, que vem torcendo e enrolando as coisas no sentido de evitar uma apresentação formal. Quer ficar de bem com toda a gente. A Rainha já de si é bastante irresoluta; dispensa bem que o ministro lhe aumente a reserva de irresolução de que dispõe.” Beckford, contudo, está convencido de que a rainha está impaciente por o ver mas não consegue dar ordens a Melo para que o apresente dispensando a habitual etiqueta (a intermediação do embaixador). Assim, anota a este respeito: “[a Rainha] teria gostado de me receber nas Caldas como por acaso. Mas o marquês não queria ver-me apresentado às escondidas, por isso mesmo

resolveu conduzir as coisas de maneira clara à vista de Walpole, de seus colegas e de seus satélites”. Seria, porventura, este desassombrado propósito de Marialva que Seabra considerara ser uma estratégia inadequada (Seabra que Beckford, no registo de 28 de Maio, definira como “mais sinuoso que a serpente do Paraíso”). O marquês, sempre empenhado, convence-se, e procura convencer o seu jovem amigo, de que a questão se resolverá facilmente caso este o “autorize a informar Sua Majestade de que é sua intenção estabelecer-se em Portugal”. Beckford resiste e não deseja comprometer-se a tomar essa decisão, uma vez que, conforme escreve várias vezes, espera poder voltar às suas terras de Fonthill com que sonha frequentemente, tal como numa noite em que adormece exausto, farto do calor e da poeira de um verão abrasador em Lisboa: “O fresco aroma dos meus pinheiros de Fonthill parecia acenar-me em sonhos. Soava-me aos ouvidos o balir dos meus cordeiros e o mugir dos meus rebanhos no profundo vale de Lawn Farm. Estarei eu para sempre banido desse feliz cenário da minha infância?” (registo de 24 de Junho). Esta última proposta do marquês deixa-o “mais agitado e mais indeciso do que nunca”, sem saber qual a melhor forma de ultrapassar os efeitos da marginalização que condiciona a sua vida, sentindo-se como “uma verdadeira criança, sem qualquer plano traçado, abandonado ao curso dos acontecimentos e deixando que ele me leve sem destino (...); não sou nem uma coisa nem outra, nem vicioso nem virtuoso, e, entretanto, a vida que levo é a mais estúpida que pode imaginar-se.”

1 de Julho

Marialva leva Beckford a visitar Melo para tentar convencer este a prescindir da etiqueta que obriga Beckford a ser apresentado pelo embaixador Walpole. A tentativa resulta baldada (já atrás fiz referência a esta visita a propósito do comportamento não cortesanesco de Beckford).

3 de Julho

Continuam os esforços de Marialva para convencer o seu amigo a estabelecer-se em Portugal e continua a resistência deste a tal desígnio, uma vez que, conforme diz no *Diário*, “Ainda não desisti por completo de vir a restabelecer-me na minha pátria e de gozar, digno e tranquilo, os relvados que mandei fazer e as matas que mandei plantar”.

5 de Julho

Marialva conta a Beckford a conversa que teve no Paço com Walpole, conversa que seguiu o rumo previsto: “muitas queixas e indignação de um lado, muito sobresalto e rubor do outro”, negando o embaixador que tivesse autorização da corte inglesa para o seu comportamento com Beckford.

6 de Julho

O pacote da Mala trouxe finalmente uma carta do embaixador de Portugal em Londres, Pinto de Sousa Coutinho, para Melo a quem recomenda Beckford. Os amigos deste, Bezerra e D. José de Mateus, consideram a chegada da carta um acontecimento

muito favorável, mas Beckford não concorda e, sobretudo, desagrada-lhe o tom da missiva: “A minha humilde pessoa recomendada à protecção e benevolência de Melo deve lisonjear-lhe a vaidade muito mais do que eu desejava, e fá-lo-á cantar de galo”. Cansado de todo o processo, interroga-se uma vez mais sobre o seu destino: “Quando deixarei eu de representar o papel de judeu errante e de ser o espanto e admiração de toda a gente, como se tivesse estampado no rosto o estigma da maldição! Apetece-me desistir de todas as disputas e construir o meu ninho no primeiro país cujos habitantes me prometam conservar os súbditos ingleses à distância.”

14 de Julho

Mostrada a referida carta ao marquês, este concorda com o amigo sobre a inadequação dos termos em que vem escrita e resolve escrever, ele próprio, ao embaixador português, o que fará nesta mesma data: “O marquês escreveu ao Pinto uma longa e enérgica carta cheia de elogios à minha conduta neste país. Suponho que a sua intenção é mostrar aos meus estúpidos parentes que mereço alguma consideração.”

28 de Agosto

Durante uma visita ao mosteiro de Mafra, quando Beckford e Marialva descansam à beira de uma fonte, em amena conversa, o problema da permanência daquele em Portugal é abordado e o marquês avança uma estratégia nova: “Por mim (...) tomo a responsabilidade de lhe arranjar o primeiro casamento do reino, e de o aparentar, por um tal casamento, com todas as cabeças coroadas da Europa”. Vai ao ponto de dizer que não é preciso Beckford renunciar à religião protestante porque lhe arranjarão uma dispensa de Roma e assegura-lhe: “A Rainha quando vir que está disposto a casar com a mais distinta senhora da sua corte, usará de todos os seus poderes e influência para o reabilitar na sua pátria, solicitando do seu rei que lhe conceda o pariato, que sabemos que lhe estava prometido e só não lhe foi dado há três anos por motivo de intrigas movidas pelos seus inimigos”. Beckford, entre surpreendido e lisonjeado face a esta proposta de Marialva, sente-se embaraçado, suspeitando que a noiva em vista seja a filha do marquês. Inventa dificuldades várias, tais como conseguir a anuência dos seus parentes, enfrentar as frequentes viagens entre Portugal e Inglaterra para que nem ele nem a futura mulher estivessem muito tempo longe das respectivas terras e famílias, etc. Argumentos que não demovem Marialva, crente na eficácia destes seus projectos.

22 de Setembro

O marquês insiste para que Beckford aperte com a gente de Inglaterra sobre o caso da apresentação à rainha mas aquele escreve: “Estou farto de ouvir falar desta apresentação. Já não quero saber disso para nada. Como uma pessoa que está à espera três ou quatro horas pelo seu jantar, já perdi o apetite. Não aconteceu o mesmo com o marquês. A sua impaciência por conseguir a minha admissão no Paço parece aumentar em vez de diminuir.”

25 de Setembro

Marialva organiza um encontro de Beckford com um tal padre Rocha, confessor do arcebispo (este último, inquisidor-geral e conselheiro da rainha, na casa do qual os dois amigos também já tinham estado). Beckford fica com uma boa impressão do padre Rocha que, “posto seja inquisidor e frade dominicano, não tinha nada o aspecto de uma pessoa empedernida e de meter medo. Os seus modos denunciam um conhecimento dos homens e dos hábitos de sociedade que raramente se adquirem dentro das paredes de um convento”. Diz-lhe com muita clareza que se não fosse imediatamente apresentado à Família Real, deixaria Portugal e regista com optimismo: “Rocha compreendeu-me muito bem, e não tenho dúvidas que apresentará as minhas ideias ao seu patrono melhoradas e aumentadas”.

28 de Setembro

Marialva chega à casa de Beckford muito abatido e informa-o de que “Walpole, a conselho de Melo, tinha tido a audácia de fazer uma representação, em nome da corte inglesa, contra a minha apresentação a Sua Majestade a Rainha de Portugal”. A rainha, acrescenta Marialva, “não sabe o que há-de fazer (...). Está o mais possível a seu favor e convencida que o senhor é uma vítima inocente das mais torpes maquinações, mas toda a sua boa disposição foi frustrada por este ataque. Agora não ousa recebê-lo”. Beckford responde de pronto: “Oh, por amor de Deus! Que ela não pense mais nisso. Estou pronto a manter-me à distância. A minha resolução está tomada. Vou fazer as malas e partir. Agora já nada me detém”.

29 de Setembro

A notícia sobre a representação escrita por Walpole marca um momento de ruptura no desenvolvimento das estratégias de contra-ostracismo que Beckford, apesar das suas reticências e ambivalências, ia sustentando, apoiado em Marialva. Efectivamente, a partir daí, dá ordens para preparar a sua partida. Vai referindo no *Diário* as lamentações dos amigos mais próximos perante a sua eminente partida, bem como as interpretações de alguns deles sobre a notícia da representação de Walpole, caso do general Forbes que “não acredita numa só palavra de tudo o que me disseram, e está persuadido de que foi o próprio arcebispo, movido pelo Rocha, quem inventou esta história, para evitar embaraços e perplexidades”.

8 de Outubro

As suspeitas do general Forbes parecem confirmar-se quando Beckford vai a casa do arcebispo e o vê “Muito afável e dado a abraços mas tudo me faz crer que estava morto por se ver livre de mim (...) Forbes tinha razão; o pobre marquês foi enganado. O arcebispo e a sua real ama estão convencidos de que (...) a minha permanência nos seus domínios pode ocasionar-lhes mais perturbações do que vantagens. O velho passarão, crente do seu embuste, parecia sobre brasas”.

5 de Novembro

Apesar dos preparativos do seu amigo para a partida, Marialva não desiste das suas tentativas e tem uma longa conversa com Melo a respeito da qual Beckford comenta: “mas eu não dou nada pelo resultado dela: o espírito do meu pobre amigo parece em tremenda confusão”.

10 de Novembro

Marialva escreve uma nova carta ao embaixador Pinto, intercedendo por Beckford.

11 de Novembro

Reunião de Marialva com um capitão inglês, Mac Donald, e com Verdeil para discutir a maneira de “se produzir uma mudança total no procedimento de Walpole”. Mac Donald parece ser um novo trunfo a usar, ele próprio, aliás, movido por interesse pessoal na medida em que, se conseguir demover Walpole, Marialva empenhar-se-á em arranjar-lhe uma promoção. Beckford, apesar de tudo, ainda afirma: “Se isto der resultado, ficarei em Lisboa”.

18 de Novembro

Relato de mais um incidente da contenda entre Marialva e Walpole: “Não tardou [o marquês] a soltar uma torrente de insultos contra Walpole, que tinha levado tão longe a sua audácia que escrevera uma furiosa carta ao secretário de Estado a queixar-se de ameaças do marquês e a pedir a protecção e o apoio da Rainha”. Melo, entre dois fogos, não sabe o que fazer e acaba por mostrar a carta a Marialva. Beckford fecha este relato com o seguinte comentário: “Percebi que o embaixador [Walpole] estava disposto a tudo sacrificar, verdade, prudência e decência, tudo, numa palavra, para complacência do seu ressentimento”.

19 de Novembro

Walpole não se limita a criar dificuldades a Beckford em Lisboa, mas igualmente as fomenta em Inglaterra, onde faz circular a sua versão dos acontecimentos que deixa alarmados os familiares daquele. Beckford lamenta a facilidade com que os seus parentes se deixam assustar tão tolamente: “A minha pobre irmã que, não obstante os seus estudos de geografia, pouco sabe dos costumes e hábitos de Portugal, supõe que os assassinios e envenenamentos são coisa corrente em Lisboa, e, como eu ofendi esta vingativa nação, insultando e arremedando algumas das suas principais personagens, é de esperar que venha a ser vítima de uma bala ou de um punhal (...). Em vez de recorrerem [os parentes de Beckford] a Pinto como fonte de informação, ei-los que sorvem todos os insignificantes jorros de calúnias que encontram no caminho (...) como se fossem uns pobres mudos despojados do poder de averiguação e de pesquisa”.

24 de Novembro

Comentando a ida de Marialva ao Paço “na firme resolução de falar à Rainha com toda a franqueza”, Beckford, já sem ilusões, escreve: “Mas eu sei que estas resoluções se desvanecem na presença da Soberana”.

27 de Novembro

Últimas despedidas na véspera da partida. O *Diário* encerra desta forma: “O meu amigo [o marquês] e eu passámos duas horas em íntima conversa e, para o reanimar, disse-lhe que era provável que voltasse a Portugal dentro de um ou dois anos. Pela sua parte, prometeu-me nunca perder de vista um só instante a ruína de Melo e a dos interesses ingleses em Lisboa”.

Num balanço desta cronologia, passo a destacar alguns aspectos:

a. Natureza intensiva e regular das iniciativas registadas no *Diário* visando a apresentação de Beckford à rainha

Não há qualquer mês em que não se registre pelo menos uma iniciativa (caso dos meses de Maio, Agosto e Outubro), sendo que, nalguns outros, o número é bastante mais elevado (Junho e Julho com cinco registos e Novembro com sete). No total há vinte e quatro registos com referências sobre a questão em causa⁷. Os meses com uma só referência são, compreensivelmente, o primeiro mês do *Diário* (Maio); o mês de Agosto, quando Beckford está a viver no Ramalhão e a passear por Sintra onde se encontram os Marialvas e Horne, bem como grande parte dos notáveis de Lisboa fugidos ao calor da capital; o mês de Outubro que ele aproveita para fazer excursões a cavalo em Sintra e arredores antes de deixar a casa do Ramalhão e voltar para Lisboa a preparar a partida. Curiosamente, é em Novembro, o mês dessa partida, que se regista o maior número de referências — são os últimos golpes e contra-golpes em que se envolvem Marialva, por um lado, e Walpole, por outro.

b. Centralidade da figura de Marialva nas iniciativas referidas

Isto relativamente aos contactos que o marquês proporcionou a Beckford (encontros com o ministro Melo, com o arcebispo S. Caetano, inquisidor geral e conselheiro da rainha, com o padre Rocha, confessor do próprio arcebispo) e às tentativas que desenvolveu (cartas ao embaixador Pinto, pressões sobre Walpole, esforços para persuadir a rainha a dispensar a etiqueta da apresentação mediada por Walpole). Vimos já que dois dos argumentos que pretendia usar — estabelecimento de Beckford em Portugal e seu casamento com uma distinta dama da nobreza portuguesa — tiveram de ser abandonados uma vez que o implicado não se decidiu a aceitá-los.

⁷ De notar que, na parte relativa a Portugal, o *Diário* contém 167 dias de registo praticamente quotidiano, ficando em falta apenas 28 dias (lacunas de 9 dias em Julho; de 1 dia em Agosto; de 11 dias em Setembro; de 2 dias em Outubro e de 5 em Novembro).

c. Carácter ambíguo e contraditório do comportamento de Beckford quanto à questão da apresentação à rainha

Se este, por um lado, manifesta empenho em conquistar o interesse, a admiração e a aprovação dos que vão integrando a sua rede de relações com vista a criar uma opinião favorável sobre si e assim poder superar o cerco de Walpole, também, por outro lado, manifesta indecisão, relutância ou mesmo desagrado face à necessidade de tomar determinadas posições que poderiam, eventualmente, ajudar a ultrapassar o impasse em torno da sua situação de *outsider*.

d. Complexidade do jogo de forças em presença

Jogo que ultrapassa a polarização Walpole-Marialva, envolvendo diferentes agentes com diferentes interesses, alguns hoje dificilmente identificáveis. Beckford defronta-se com a hostilidade de Walpole e com o poder deste enquanto representante de um país aliado/dominador de Portugal e, ao mesmo tempo, defronta-se também com a indeterminação de uma rainha medrosa, embora poderosa devido ao lugar que ocupa, e com a desconfiança, inveja e compadrios de muitos elementos da feitoria inglesa, bem como de nobres e notáveis portugueses de facções adversas à casa Marialva e/ou, empenhados em não desagradar a Walpole. O apoio do marquês a Beckford parece ser, simultaneamente, uma questão de amizade e uma questão de honra, e a sua porfia vai aumentando à medida que vai sendo manietado pelas manobras dos seus adversários. Acabará derrotado, para isso tendo contribuído, quer a incapacidade da rainha em vencer os seus medos, quer a conivência que se verificou entre alguns dos cortesãos e o embaixador inglês. A convergir para essa derrota, é de sublinhar ainda: o facto de os parentes e amigos de Beckford em Inglaterra não terem tomado qualquer iniciativa para o apoiar; o facto de Marialva querer fazer a sua apresentação de “maneira clara à vista de Walpole, de seus colegas e de seus satélites”, não deixando lugar para dúvidas sobre quem teria vencido a contenda e o facto de o próprio Beckford, dadas as suas reservas e indeterminações, ter dificultado a definição de estratégias mais incisivas.

De acrescentar que é manifesta ao longo do *Diário*, sobretudo nos primeiros meses, uma relativa inadequação das posições do seu autor face a um contexto de que subavalia componentes que lhe são adversas, designadamente a sua convicção de que:

1. receberá credenciais de Inglaterra, malgrado o desfavor em que aí era tido por seus pares e familiares;
2. poderá em breve regressar às suas terras em Fonthill, onde vai ordenando que façam obras e melhoramentos, malgrado ter sido ostracizado de Inglaterra;
3. ultrapassará os obstáculos levantados por Walpole na medida em que é apoiado por Marialva e se tem comportado devidamente (em termos das suas manifestações de devoção e de sociabilidade mundana).

7. Ligações perigosas

Relativamente às duas dimensões da vida social atrás referidas – a das práticas de natureza homossexual e a das práticas de natureza cortesanesca – não foi ainda explorado o material do *Diário* sobre as questões implicadas nas primeiras, motivo nuclear, afinal, do processo de ostracismo que se tem vindo a analisar.

Quanto ao escândalo propriamente dito (ligação com Courtenay, sobrinho do adversário político de Beckford, lorde Loughborough), há, no *Diário*, algumas vagas denúncias do carácter persecutório das manobras dos inimigos de Beckford em Inglaterra. Para além disso, aparecem também, nas páginas iniciais, algumas linhas alusivas àquela ligação – veja-se o relato de um agradável sonho de que o jovem inglês foi acordado pelo ladrar dos cães: “Creio que andava a passear com William Courtenay por encostas de verdes outeiros, ponteadas com laranjeiras em flor. Nossos olhos, banhavam-nos lágrimas de afecto e perdão, e íamos de mãos dadas, e era como se tivéssemos esquecido por completo as dores que um ao outro havíamos causado.” (registo de 30 de Maio).

Esta ligação não parece ter-se prolongado para lá da sua denúncia pública, mas o editor do *Diário* informa-nos de que Courtenay (visconde do mesmo nome e conde de Devon) “levou uma vida escandalosa, fugiu do país em 1811 para não ser preso e morreu solteiro e obscuro em Paris” (Boyd, 1988: 181)⁸. Pelo seu lado, Beckford, uma vez em Lisboa, toma as maiores precauções para esconder os seus afectos por jovens do mesmo sexo.

De qualquer modo, a bissexualidade parece ser uma classificação mais adequada para caracterizar o comportamento erótico de Beckford do que uma homossexualidade estrita. Limitar-me-ei, neste ponto, a considerar algumas manifestações desse comportamento enquanto factores capazes de ser disruptivos em relação ao modelo de contra-ostracismo que integra as estratégias accionadas por Beckford durante a sua estadia em Lisboa (veja-se atrás o ponto 5). Neste sentido, há a distinguir no *Diário* referências a ligações/aproximações socialmente reconhecidas umas – as de natureza heterossexual – e socialmente proscritas outras – as de natureza homossexual.

Entre as primeiras destaca-se a relação com a sua mulher Margaret de quem teve duas filhas e que morreu três anos após o casamento. A publicitação do escândalo Beckford – Courtenay dá-se quando aquele e a mulher estavam em Powderham onde se encontravam Courtenay, sua tia e o marido desta, o já referido Loughborough. Isso não parece ter prejudicado o afecto que unia Beckford e Margaret, a qual, aliás, o defende expressamente contra os seus parentes numa carta a que alude Boyd Alexander⁹. No *Diário*, Beckford é sempre muito emotivo quando fala de Margaret, caso, por exemplo, da passagem em que descreve um seu passeio pelas margens do Tejo, junto à velha quinta de Marvila, propriedade de Marialva – a paisagem fá-lo recordar-se do lago de Genebra e de “muitas outras circunstâncias que rodearam a perda daquela a quem

⁸ Nota 40.

⁹ Introdução de Boyd Alexander, *Diário*, p.15.

amava mais do que à própria vida (...). Voltei para casa sombrio e desconsolado, chamando em vão, já que não me pode ouvir, a companheira das minhas horas mais felizes, outrora tão viva e florescente, agora fria e pálida no seu sepulcro de Fonhill, a mais bela e ingénua criatura, tão terna para o seu pobre William e aquela que soube perdoar com tão doce e afectuosa jovialidade os seus erros infantis.” (registo de 4 de Junho). Os elementos românticos aqui convocados reaparecem noutras passagens, tal como na descrição do efeito que sobre ele teve a leitura de um romance, *Lady Julia de Mandeville*, história de dois amantes infelizes que lhe evoca o seu próprio sofrimento quando, um ano antes, perdera “o único ser a quem verdadeiramente amei”, deixando-o em lágrimas ao recordar “a pálida imagem da minha Margaret” (registo de 14 de Outubro).

A referência às lágrimas é frequente em vários registos e corresponde, sobretudo, a recordações associadas a Margaret e à sua mansão de Fonhill. No entanto, para além de ser expressão da emotividade de Beckford, essa profusão de lágrimas terá de ser entendida no contexto das manifestações de sentimentalidade usuais no século XVIII, tal como o demonstram os textos literários de então, quer sejam de natureza ficcional, quer de natureza intimista (diários, cartas). A regra de que ‘um homem não chora’ só mais tarde iria impor-se, passando as lágrimas a ser relegadas para domínios subalternizados – o do sentimentalismo feminino e, em particular, o do sentimentalismo dos não cultivados (Vincent-Buffault, 1994). No séc. XVIII, porém, tratava-se de uma manifestação de sensibilidade requintada que era considerada louvável viesse ela de mulheres ou de homens.

Retomando as ligações/aproximações de natureza heterossexual de Beckford – verifica-se que, para além da relação com a sua mulher, são raras no *Diário*, na parte relativa a Portugal, outras alusões dessa natureza (há, por exemplo, vagas insinuações quanto às suas manobras de sedução que têm por alvo uma vizinha em Lisboa), embora na parte relativa a Espanha, isso já não aconteça. Aí, Beckford vê-se cercado de fogos e, como ele diz, “é delicioso sermos aquecidos, mas se não recorro a todos os átomos de prudência que existem na minha natureza, acabarei reduzido a cinzas” (registo de 1 de Janeiro de 1888). Referia-se simultaneamente ao seu arrebatamento pela encantadora mulher do príncipe de Listenais – “Prometemos um ao outro encontrarmo-nos em Paris e abandonarmo-nos ao maravilhoso delírio da nossa nascente paixão” (registo de 12 de Janeiro daquele mesmo ano) – e ao seu entusiasmo pelo filho do chaid de Tripoli, um rapazinho de 12 anos que conheceu na casa do embaixador da Turquia em Espanha – “Chama-se Mohamed o rapazinho. São um encanto a lânguida ternura dos seus olhos, a doçura dos seus traços e a fascinação do seu sorriso.” (registo de 1 de Janeiro). Regressando às páginas sobre Portugal, e ainda sobre as referências relativas a ligações/aproximações heterossexuais, será de considerar aquela que não passou de uma eventualidade, aqui e ali discretamente apontada: a de um possível casamento com D. Henriqueta, a filha de Marialva.

Esta é uma questão que levanta alguma perplexidade, tanto no que respeita ao presumível empenho do marquês no projecto dessa união, como no que respeita ao desinteresse de Beckford a tal propósito. Dos registos do *Diário* não consta qualquer

proposta explícita de Marialva a Beckford quanto ao casamento deste com D. Henriqueta, mas apenas uma proposta de casamento com uma senhora portuguesa, a mais distinta da corte de D. Maria I, conforme atrás ficou referido. É antes a Verdeil, o médico de Beckford, que o marquês o terá dito expressamente. Verdeil, por sua vez, ao relatar essa conversa a Beckford, adverte-o quanto às “inúmeras dificuldades que se levantariam no caso [daquele] casamento em Portugal e estabelecimento [de Beckford] no reino.” (registo de 3 de Setembro), dificuldades que não são objecto de qualquer comentário no citado registo. Beckford, contudo, já tinha dado conta de quanto esse projecto o preocupava, depois de ouvir, alguns meses antes, o abade repetir várias vezes as insinuações acerca da simpatia de D. Henriqueta por ele – se, por um lado, nota que esta, “no que diz respeito a sangue e parentescos, poucas a igualam em toda a Europa” e que, no caso do irmão morrer, “ela imediatamente se tornará a herdeira dos títulos, bens e altos privilégios dos Marialvas”, por outro lado, isso não parece entusiasma-lo, antes o deixa preso numa grande indeterminação, sentindo-se a errar num labirinto, de tal modo que escreve: “Ainda não sei, mesmo agora, para onde virar-me e já me sinto cansado de principiar a minha rota.” (registo de 23 de Junho). A sua resistência a este projecto do marquês não deriva, contudo, de qualquer aversão a D. Henriqueta a quem se refere, não raro, em termos de apreço. Caso de um registo em que a descreve a dançar um minuete com o irmão, D. Pedro, frente à rainha numa festa na casa de Marialva que Beckford observou de longe: “A irmã [D. Henriqueta], embora visivelmente embaraçada com a augusta presença, dançou com imensa graça, oferecendo a sua mão com essa modesta dignidade que nenhum mestre de dança sabe ensinar, pois é o resultado de uma mistura de nobreza, de candura e de inocência.” (registo de 29 de Outubro).

Ao que parece, Marialva alimentaria ainda um outro projecto de casamento de que Beckford toma conhecimento uma vez mais através das insinuações do abade “sobre a deliciosa esposa que seria [a filha de Beckford] para o herdeiro dos Marialvas”¹⁰, o que aquele comenta asperamente no *Diário*: “Deus me livre! A minha alegre pequenita herdou muito do gosto do seu pai e da sua mãe por tudo quanto é belo e elegante para gostar deste empertigado e lúgubre, de rabicho de porco, que é D. Pedro!” (registo de 15 de Julho). Embora Beckford viesse a mudar a sua opinião sobre D. Pedro, a verdade é que nenhum dos projectos casamenteiros de Marialva é do seu agrado, para o que teria concorrido a sua resistência a radicar-se em Portugal. Pelo lado do marquês, por sua vez, não deixa de ser um tanto surpreendente ver o seu empenho em casar a filha com um estrangeiro que, embora muito rico e ligado à nobreza inglesa, não é um ‘Grande’ e carrega sobre si o estigma de uma suspeição desconfortável. Acresce que constava que D. Henriqueta estava para casar com o duque de Lafões como, aliás, viria a acontecer um ano depois (em 1788), o que o marquês comunicou a Beckford, nessa altura em Madrid. O duque, embora já com cerca de 70 anos, integrava-se socialmente, esse sim, no modelo exclusivista de conjugalidade de grupo que dominava na aristocracia portuguesa. Modelo marcado por forte homoga-

¹⁰ D. Pedro, aliás, nunca chegou a casar, extinguindo-se com ele o título de marquês de Marialva.

mia social e endogamia familiar que perduraria até aos finais do séc. XVIII, quando começaram a verificar-se casamentos com filhas de financeiros ou com fidalgos de província (Monteiro, 1993). Provavelmente, o projecto de casamento de D. Henriqueta com Beckford correspondia a um conjunto de motivos que agregariam a simpatia que o marquês sentia por Beckford, o desejo de fortalecer a situação financeira dos Marialvas e a própria vontade de triunfar sobre os seus inimigos políticos – neste último caso, o dito casamento, podendo funcionar como garante para a aceitação do seu amigo na corte, implicaria a derrota de Walpole e seus apoiantes.

Passando às ligações/aproximações de natureza homossexual, a mais ameaçadora para as estratégias de contra-ostracismo de Beckford é, sem dúvida, a que envolveu D. Pedro, o filho de Marialva. Há referências a outros jovens com que também se encanta mas de modo muito mais episódico e ligeiro. Caso, por exemplo, do filho do marquês de Penalva, um rapazinho de catorze anos que, arrebatadamente, no entusiasmo da música e da dança, pegara nas mãos de Beckford e as beijara, segundo as palavras deste, “com uma ternura de que os nossos frios corações do Norte não podem fazer a mais pequena ideia” (registo de 17 de Junho). Caso dos jovens músicos da Patriarcal que ele gostaria de ficar horas a ouvir na galeria de música mas, sabendo que não era apenas a música que o seduzia, controla-se e aparenta frieza – “o receio de escândalo manteve-me em prudente silêncio e com ar muito grave” (registo de 29 de Maio).

Um outro caso é o de Franchi que tocava cravo na Patriarcal e que iria também tocar na casa de Beckford, levado por um dos seus mestres (tratava-se de músicos como Lima, Leal e Policarpo que o inglês contratara). A primeira actuação de Franchi na casa de Beckford é descrita nestes termos: “Os seus olhos pareciam maiores do que nunca, e tanto me fitavam que eu não pude deixar de corar. Apanhou o meu estilo de cravista instantaneamente e interpretou várias ouvertures e sonatas à primeira vista, exactamente à minha maneira (...). Pude conservá-lo fascinado, a meu lado, durante horas, escutando as notas infantis da minha voz e a dissolver-se como neve ao sol” (registo de 1 de Julho). Aliás, esta relação com Franchi terá um reatar inesperado mais tarde, em Fonthill, colocado ao serviço de Beckford como seu secretário, seu agente de compras de obras de arte e seu homem de confiança para facilitar aproximações de natureza homossexual (Norton, 1998).

Quanto à situação de enamoramento por D. Pedro, o *Diário* mostra que ela se desenvolve com dificuldades não apenas pela ameaça que representa para a aceitação que Beckford procura junto dos que o rodeiam, mas pela própria resistência deste ao dito enamoramento. Ao longo dos primeiros meses, surgem manifestações de interesse por D. Pedro, logo contrariadas pelo desagrado que lhe provoca o habitual abatimento e sisudez do jovem Marialva, características adversas ao gosto de Beckford por uma exuberância infantil que não se coíbe de exhibir: “Os meus actos, gestos, atitudes, sempre que me apraz, tornam-se realmente tão descuidados, tão desportivos e tão flexíveis como os de uma criança” (registo de 3 de Julho).

Um parêntesis para notar que esta identificação com um modo de estar infantil aparece, não raro, associada aos seus comportamentos tendencialmente homossexuais e funciona no sentido de os justificar como, por exemplo, conforme acima se viu,

quando se refere à afectuosa jovialidade com que Margaret soube perdoar “os seus erros infantis” [sublinhados nossos], sendo desta forma que designa o caso com Courtenay.

Voltando a D. Pedro, levará algum tempo até que este seja capaz de o acompanhar naquela exuberância e até que Beckford o reconheça: “D. Pedro e eu, de dia para dia mais presos um ao outro, corríamos de mão dada ao longo das alamedas, pulando e saltando como corças, agarrados aos azareiros [loureiros], cujas flores nos caíam por cima da cabeça.” (registo de 8 de Setembro). Tendo anteriormente designado D. Pedro como “garoto empertigado e lúgubre”, diria depois: “Nunca tinha visto D. Pedro tão bem. Começa a ser pueril e atractivo” (registo de 25 de Julho). Considera que o ambiente que cultiva na sua casa – a música, as gravuras e os livros que espalha por toda a parte – estimularam a imaginação do jovem Marialva e o abriram para um outro mundo. Em Outubro, já a preparar-se para deixar Portugal, dá conta do seu enamoramento: “Estou em crer que D. Pedro e eu nunca somos felizes longe um do outro. Deixá-lo é para mim um tormento. Fez-se tão vivo e encantador, tão diferente da pessoa que eu vim encontrar seis meses atrás, que não posso deixar de pensar que um benévolo feiticeiro, graças a um toque de varinha mágica, me emprestou poderes para eu levar a cabo esta metamorfose, para meu prazer e recreio.” (registo de 18 de Outubro). Passa a estar num estado de agitação em que se debate entre entusiasmos – “D. Pedro gosta de mim! Já lhe senti a doçura dos lábios. Os seus queridos olhos já me confessaram o segredo do seu coração” (registo de 22 de Outubro) – e uma melancolia que o leva a querer desistir da partida, intento que Verdeil combate decididamente: “[Verdeil] empregou toda a sua eloquência a mostrar a loucura e a ignomínia da minha presença em Portugal e o perigo que havia de D. Pedro vir a alimentar por mim uma dedicação profunda e sem limites.” (registo de 23 de Outubro). Aliás, apesar de todas as tentativas de discrição, o enamoramento não passaria despercebido junto dos mais próximos amigos de Beckford, designadamente o grão-prior¹¹ e o abade que, complacente, propicia alguns dos passeios dos dois jovens. O marquês seria dos poucos que não parece ter-se dado conta da natureza desta ligação.

Curiosamente, a par do encanto com D. Pedro cresce o encanto com Lisboa, cidade inicialmente olhada por Beckford com enorme desprezo: “Quanto mais conheço Lisboa, menos gosto da cidade. Não tem a riqueza nem a dignidade de uma capital. Parece antes uma série de feios povoados ligados uns aos outros. As igrejas, em geral, são desprezivelmente pequenas (...). A maior parte delas tem a sua torre no detestável gosto da antiquada moda das caixas dos relógios franceses” (registo de 4 de Junho). No entanto, por altura da sua partida, observa: “Agora que vou deixá-la, já Lisboa não me parece nem tão estúpida, nem tão barulhenta, nem tão desagradável como até aqui. Não posso apartar os olhos da alegre e luminosa superfície do rio. Tenho mil projectos para largos passeios de barco e para ouvir música e merendar à sombra dos caramanchéis de parreiras que ficam ao longo das suas margens.” (registo de 15 de Outubro).

¹¹ *Diário*, p. 90, nota 385.

Todavia, como já se sabe, tendo sido impossível legitimar a sua permanência em Portugal, Beckford, nos finais de Novembro de 1787, abatido e desgostoso, partirá para Espanha que irá deixar no ano seguinte, uma vez mais sem conseguir ser apresentado na corte. Voltará a Lisboa cinco anos mais tarde (1793-95) e, pela terceira e última vez, em 1799, mas para estas estadias já não dispomos de registos minuciosos e intimistas como os deste tão singular *Diário*.

Referências Bibliográficas

BOYD, Alexander (1988), *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, 3ª ed., Lisboa, Biblioteca Nacional.

ELIAS, Norbert (1982), *La Sociedad Cortesana*, México, Fondo de Cultura Económica.

MONTEIRO, Nuno (1993), “Casamento, celibato e reprodução social: a aristocracia portuguesa nos sécs. XVII e XVIII”, in *Análise Social*, 123-124, 921-950.

NORTON, Rictor (ed.) (1997), *Gay History and Literature*. [Consult. em Maio de 2011]. Disponível em: <http://rictornorton.co.uk>.

– (1998), *My dear boy: gay love letters through the centuries*. [Consult. em Maio de 2011]. Disponível em: <http://rictornorton.co.uk>.

– (2002), “Daniel Defoe, on the public persecution and punishment of sodomites, 1707”, in *Homosexuality in eighteenth-century England: a source book*, 8 August 2002. [Consult. em Maio de 2011]. Disponível em: <http://rictornorton.co.uk>.

VINCENT-BUFFAULT, Anne (1994), *História das Lágrimas*, Lisboa, Editorial Teorema.

ABSTRACT/RÉSUMÉ

Abstract

The aim of this paper is to propose an approach to a process of ostracism, considering the nature of its starting point, its forms of expression and its evolution in a specific social time and space. The main focus of the analysis is a characterisation of the strategies built by the ostracized subject in order to undermine the mentioned process, namely through the conviviality net he weaves and the related activities he engages in. A detailed diary left by the ostracized subject is the document base on which this article is grounded.

Keywords: Ostracism; Homosexuality; Portuguese society of the eighteenth century; Memoir/Diary.

Résumé

Ce texte analyse un processus d'ostracisme dont on cherche à décrire ses origines, formes d'expression et évolution, à un temps et espace déterminés. On s'occupe surtout de la caractérisation des stratégies de l'ostracisé pour essayer de s'opposer au processus en cours, notamment en ce qui concerne le réseau de ses relations de convivialité et les activités où il s'engage. La base documentaire de cet article est un journal personnel, très minutieux, que l'ostracisé a écrit le long du période en cause.

Mots-clés: Ostracisme; Homosexualité; Société portugaise du XVIIIe siècle; Mémoire/Journal intime.